

Canteiro de justiça

Um estudo a partir de Isaías 61.1-62.3

Haroldo Reimer

A comunidade cristã deve ter uma vocação em colocar sinais do reino de Deus na história. A congregação de fé deve ser lapidada sob a ação do Espírito e da Palavra de Deus a ser um experimento no mundo. Igreja, local ou maior, deve antecipar em fragmentos a plenitude do que espera pela fé. A vocação da comunidade de fé pode ser comparada a um canteiro de justiça.

É disso que trata o texto de Isaías 61.1-62.3. A prática da justiça é o seu tema. Na situação nova, no pós-exílio, o povo, reunido em comunidade, a viver uma nova ética. Isso é bem bíblico. Fé deve estar relacionada com vida. A ética deve perpassar o viver cotidiano. Não bastam apenas as belas celebrações, os grandes louvorzões, os magníficos cultos se no cotidiano da vida os impulsos da fé e da Palavra não se fazem presentes.

Os conteúdos bíblicos nos fazem lembrar constantemente que a graça de Deus opera no mundo. No envio de sua Palavras, também feita carne, a visita de Deus é uma dispensação da gratuidade do amor divino por toda a sua criação, que o aceita como Deus vivo e verdadeiro. Alguns trechos bíblicos destacam isso muito bem. No Evangelho de João 1,12 lemos: “todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos (e filhas!) de Deus” (Jo 1.12); “... assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo ...” (Ef 1.4). Isso é motivo de alegria e deve ser lembrado explicitamente para a comunidade reunida em culto. Pois, tanto num texto quanto no outro está destacado o fundamento da alegria verdadeira: “... o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória” (Jo 1.14); “... tem nos abençoado com toda sorte de bênção espiritual” (Ef 1.3).

Com base nestas “bênçãos” recebidas na visita de Deus, a comunidade chamada e escolhida deveria ser uma amostra do propósito redentor da visita de Deus: ser um canteiro de justiça (Is 61.11) em meio a mundo que ainda não aceitou plenamente a graça da visita divina.

Contexto

No estudo deste texto, convém lembrar que, segundo a opinião da pesquisa, o livro de Isaías está dividido em três grandes blocos, atribuídos a épocas diferentes de atuação de profetas na tradição isaiana. O primeiro bloco, capítulos 1 a 39, em boa parte, é entendido como legado do profeta Isaías do século VIII aC. O segundo, que abrange Is 40-55, é indicado como sendo expressão das palavras de ânimo e de disputa de um profeta da tradição isaiana durante o exílio de uma parte do povo na Babilônia. O terceiro bloco, enfim, que abrange os capítulos 56 a 66, formam uma unidade literária própria. Os textos aí reunidos e organizados, em uma estrutura concêntrica artisticamente muito bem elaborada (Croatto, 2000), tematizam a exigência da prática do direito e da justiça (Is 56.1; 58.8; 61.3,10-11; 62.1) ante uma situação marcada por vários tipos de violência. Apesar de haver três momentos históricos distintos, com situações concretas diferentes, todo o material foi colecionado na “tradição de Isaías”, procurando-se, assim, dar uma visão geral, que é obra da redação final, provavelmente no fim do período persa (Croatto, 2000, p.43).

Não se têm informações seguras sobre a identidade do autor-profeta ou do grupo de suporte que colecionou e nos transmitiu as palavras em Is 56-66. Pelas várias informações espalhadas no texto presume-se que este profeta-anônimo da tradição de Isaías tenha atuado no período do pós-exílio, provavelmente no período anterior ou concomitante à reconstrução do templo, portanto em torno de 520 a 515 aC (Sicre, 1996, p.311-2). O texto de Is 64.10 parece pressupor o templo ainda destruído e em Is 66.1-2 parece haver um questionamento categórico em

relação ao programa de reconstrução do templo: “Que casa que me edificareis vós?”.

É bem possível e provável que estes anos agitados tenham sido a época de expressão de muitas das palavras do Terceiro-Isaías. Sem dúvida, a administração estrangeira persa impõe tributações e dificuldades ao povo na mesma medida em que possibilitou a reorganização cultural e religiosa de Judá. O problema maior, porém, parece ter sido a administração interna. Is 56.10-12, com palavras fortes, dá uma idéia da avidez das lideranças judaítas. A busca do lucro pessoal parece estar em primeiro plano. Também a violência dos líderes contra os mais simples do povo marcou este período. É o que se pode ler em Is 59.3-8. “É um conjunto de acusações genéricas que deixam (sic!), porém, uma impressão clara de violência generalizada. É a lei do mais forte que governa” (Grenzer, 2001, p.115). O texto de Is 59.14 parece ser um resumo disso: “o direito se retirou, e a justiça se pôs de longe; porque a verdade anda tropeçando pelas praças, e a retidão não pode entrar”. A consequência disso é a existência de contritos e abatidos (Is 57.15), de famintos e desabrigados (Is 58.7,10), de oprimidos (Is 58.10), de quebrantados de coração, cativos, presos (Is 61.1-2) e de aflitos e abatidos de espírito (Is 66.2). Estas palavras diversas provavelmente expressam e atestam a existência de várias categorias de pessoas empobrecidas dentro do tecido da sociedade judaíta neste período.

Esse quadro é o pano de fundo das palavras profeta que estão imbuídas da relevância e centralidade da prática do direito e da justiça como condição para uma vida na proximidade de Deus. O Terceiro-Isaías tem a ética da justiça como o fio vermelho de suas palavras. Justamente o reinar da injustiça é que provoca uma separação em relação a Deus. “As vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus” (Is 59.2). Segundo o profeta, a práxis de vida marcada pela ética da justiça é que dará as bases para a verdadeira reconstrução das relações internas no país. Não haverá vida digna para o povo se não houve ética baseada em justiça, da mesma forma que não haverá paz se ela não brotar da justiça (Is 59.8). Também a salvação depende da prática da justiça (Is 59.11). Ética e justiça são tarefas do cotidiano! Uma religiosidade de práticas rituais (jejuns, etc.) nem sempre expressa a busca por justiça. A palavra de Deus quer ser o fundamento para esta práxis justiça, e a própria práxis podem ser um freio contra o subjetivismo e a individualização extremada dentro do paradigma da pós-modernidade e, simultaneamente, um colocar de sinais da verdadeira fé que sempre se expressa no amor cotidiano.

Este é o pano de fundo do texto que servirá de base para a reflexão. Vamos destacar mais alguns elementos a partir do próprio texto.

Texto

Os versículos finais de Is 61 são expressão de louvor e alegria. O verbo hebraico *shush* é recorrente para expressar alegria e júbilo (Is 35.1; 65.18; Sl 68.4). Esse motivo de alegria é argumentado duas vezes através de frases iniciadas por *kí* / “pois, pelo fato de”. Assim, os feitos de Deus são apresentados como motivos para a alegria (do povo) expressos na palavra do profeta.

O motivo da alegria já perpassa todo o capítulo de Is 61, chegando aqui ao seu ápice. A salvação ou ajuda trazida por Javé-Deus para o povo constituem razão da alegria. O profeta (e o povo) se sente ou se sabe envolto por Deus, devidamente ornamentado como noivo ou noiva. Essa roupa da alegria é a “veste da salvação” e o “manto da justiça” (v.10). Convém aqui observar que é preferível manter uma tradução literal do versículo, mantendo o termo “justiça” (*sedaqah*) do que a expressão “capa da vitória”, como o faz as versões da Tradução na Linguagem de Hoje (Christmann, 1999, p.70). “Justiça” expressa mais do que “vitória”. Há muita vitória que não tem nada a ver com justiça.

O v.11 muda o cenário do imaginário profético. Se antes era a indumentária, agora se trata do mundo agrícola da roça ou do “jardim”. Parte-se de uma lógica causal: a terra da roça fértil (observe o paralelismo entre *erets* / “terra” e *gan* / “jardim”) faz brotar o que nele se semeia, Javé fará brotar a justiça e o louvor. Para o trabalho com o texto, pode-se aqui estabelecer uma relação entre a “terra” e o “jardim” como relacionados com o povo de Israel e, por extensão, com a comunidade ouvinte desta palavra. Toda criação, mas particularmente a comunidade de fé, é o jardim

em que deve haver frutífera plantação de justiça. Convém aqui incluir a dimensão da comunidade como canteiro de plantação de Deus. As pessoas batizadas e a comunidade de fé são este canteiro, trabalhado por Deus, por sua graça e por sua palavra, com o propósito de que a obra do amor de Deus frutifique em ações de justiça dentro da comunidade.

A dimensão da graça de Deus como momento anterior à resposta em ações de justiça no vasto canteiro da criação e do mundo está devidamente resguardada nos tempos dos verbos de Is 61.10-11, que indicam para ações passadas.

A passagem para o capítulo de Is 62 indica para a dimensão da perseverança ativa ou de uma fé ativa perseverante. Há como que uma luta interior para o propósito já vislumbrado na graça de Deus se torne realidade no presente do cotidiano do povo de Deus. Para que a nova realidade se concretize (cf. as duas ocorrências da expressão hebraica lema'an = "para que"), há muito espaço e necessidade para a práxis cotidiana. Isso está muito bem expresso pelos dois verbos iniciais no v.1. O verbo hebraico hashah indica para o sentido de manter-se quieto ou em silêncio (Sl 28.1; 107.29) como fazem os mortos no sheol. Tal postura, porém é negada enfaticamente pela partícula lo' = não! Transformar o mundo em um jardim de justiça exige fé perseverante no cotidiano. A mesma idéia é expressa pelo verbo shaqat. Em alguns textos dos livros de Josué e Juízes o verbo é utilizado para expressar o final de um intenso período de disputas (Js 11.23; 14.15; Jz 3.11.30; 5.31; 8.28). A negação categórica deste "silêncio" é justamente a agitação e o movimento social em prol do objetivo almejado.

No imaginário do texto isaiânico, a meta é que o povo, subsumido nas expressões Judá e Jerusalém, seja "coroa de glória" e "diadema real" na mão de Deus (v.3). Por extensão, isso também vale para a comunidade de fé hoje. A palavra de Deus não descansa enquanto não acontecer a "mudança de nome" (v.2, cf. v.4: em lugar de "desamparada", a comunidade será chamada de "minha delícia" e "desposada"). Isso se dará em processo de sinergia entre a iniciativa da graça divina e a ativa resposta da práxis humana. A comunidade de fé, apesar de ser justa e pecadora, é motivada a ser um canteiro da prática da justiça.

Referências

Christmann, Louraini. 2. Domingo após o Natal. Isaías 61.10-62.3. In: Witt, O. L.; Silva, J. A.M. da. Proclamar Liberdade. São Leopoldo: Sinodal, 1999, v. 25, p. 68-73.

Croatto, J. Severino. Composição e querigma do livro de Isaías. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis / São Leopoldo, n. 35/36, p. 42-76, 2000.

Grenzer, Matthias. A proximidade de Deus na eliminação da opressão e na caridade ao pobre. Revista de Cultura Teológica. São Paulo, ano IX, n. 34, p. 109-124, jan./mar. 2001.

Sicre, José Luís. Profetismo em Israel. Petrópolis : Vozes, 1996.

[O autor é teólogo luterano, ex-professor no Programa de Pós-graduação em Teologia no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências [Mestrado e Doutorado] da Religião na Universidade Católica de Goiás, em Goiânia]

[Texto publicado na *Revista da Bíblia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 30, p. 10-12, 2003]

